

16	3	2	13
5	10	11	8
9	6	7	12
4	15	14	1

Ovídio

# METAMORFOSES

Edição bilingue

Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias

Apresentação de João Angelo Oliva Neto

editora ■ 34

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.  
Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000  
São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3811-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 2017  
Tradução de Domingos Lucas Dias © Nova Vega, Portugal

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA  
APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Título original:  
*Metamorphoses*

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:  
*Bracher & Malta Produção Gráfica*

Revisão:  
*Rodrigo Garcia Manoel (AR. Textos & Contextos)*  
*Alexandre Barbosa de Souza*

1ª Edição - 2017 (3ª Reimpressão - 2021)

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte  
(Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, Brasil)

O819m Ovídio (Publius Ovidius Naso), 43 a.C.-17 d.C.  
Metamorfoses / Ovídio; edição bilingue;  
tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias;  
apresentação de João Angelo Oliva Neto — São Paulo:  
Editora 34, 2017 (1ª Edição).  
912 p.

Tradução de: *Metamorphoses*  
Texto bilingue, português e latim

ISBN 978-85-7326-667-2

1. Poesia latina. I. Dias, Domingos Lucas.  
II. Oliva Neto, João Angelo. III. Título.

CDD - 873

## METAMORFOSES

Apresentação, <i>João Angelo Oliva Neto</i> .....	7
Nota introdutória, <i>Domingos Lucas Dias</i> .....	33
METAMORFOSES	
Livro I.....	43
Livro II.....	101
Livro III.....	165
Livro IV.....	215
Livro V.....	271
Livro VI.....	317
Livro VII.....	363
Livro VIII.....	417
Livro IX.....	475
Livro X.....	527
Livro XI.....	577
Livro XII.....	629
Livro XIII.....	671
Livro XIV.....	731
Livro XV.....	789
Correspondência entre nomes romanos e gregos.....	847
Índice de nomes.....	849
Mapa geral.....	898
Mapa das regiões gregas.....	900
Índice temático.....	901
Sobre o autor.....	907
Sobre o tradutor.....	909

## Nota introdutória

*Domingos Lucas Dias*

As *Metamorfoses* de Ovídio ocupam, a duplo título, lugar central na produção do autor. São a obra com que o poeta pretendia competir com Virgílio e marcam um ponto de viragem na sua vida.

Nascido no ano da morte de Cícero, foi relegado por Augusto para um exílio nas margens do mar Negro, próximo da foz do Danúbio, no final do ano oitavo da nossa era. Ao partir, deixa as *Metamorfoses* já em circulação, mas sem haverem recebido a última revisão. Não havendo data certa a marcar o momento da sua publicação, afigura-se plausível estabelecer como datas-limite os anos terceiro e oitavo. Significa isto que se está em pleno decurso da celebração dos dois mil anos da publicação das *Metamorfoses*. Seja a publicação da tradução a que se procede a singela homenagem “ao poeta latino mais humano e mais nosso”.<sup>1</sup>

### O AUTOR

Publius Ovidius Naso nasceu em 43 a.C., em Sulmona, na região de Abruzzo, na Itália, no seio de uma família da classe dos *equites*. Em 31, dirige-se a Roma com o irmão, mais velho do que ele apenas um ano, para completarem os estudos de retórica junto de mestres famosos. Apesar de bem-sucedido na declamação, é a poesia que o atrai e é essa a vida que, contra a vontade do pai, vai seguir (*Tristia*, IV, 10, 21-6):

---

<sup>1</sup> Antonio Ramírez de Verger, “Introdução” à sua tradução das *Metamorfoses* de Ovídio (Madri, Alianza Editorial, 1995).

*Saepe pater dixit: "Studium quid inutile temptas?  
Maionides nullas ipse reliquit opes."  
Motus eram dictis, totoque Helicone relicto  
scribere temptabam uerba soluta modis.  
Sponte sua carmen numeros ueniebat ad aptos  
et quod temptabam dicere uersuserat.*

“Por que enveredas por uma atividade inútil?  
Nem Homero (o Meônida) deixou qualquer riqueza”,  
dizia-me o meu pai, muitas vezes.  
Tocavam-me as suas palavras e, abandonando o Hélicon,  
tentava escrever em prosa. Tudo saía espontaneamente,  
com ritmo, e era verso quanto tentava dizer.

Seguindo o que, em Roma, passou a ser norma depois de Cícero, dirige-se à Grécia para completar a sua formação cultural. Tornado a Roma, tentou o *cursus honorum*, ou seja, o percurso que o levaria ao Senado, mas não passou das primeiras magistraturas. O seu universo era o da poesia e a ele dedicou toda a vida. No seu cultivo ganhou nome junto dos seus contemporâneos, mesmo dos mais celebrados, como Propércio.

Cumpriu-se em si, porém, o que ele mesmo havia dito de Cadmo (*Metamorfoses*, III, 135-7):

*Sed scilicet ultima semper  
exspectanda dies hominis, dicique beatus  
ante obitum nemo supremaque funera debet.*

Mas deve esperar-se sempre  
pelo último dia do homem. Ninguém deve ser considerado feliz  
antes de morrer e antes de receber as honras finais.

Um decreto de Augusto relega-o, em finais do ano oitavo, quando o poeta andava pelos cinquenta anos de idade, para Tomis, nas margens do mar Negro, na atual Romênia. Ainda hoje não se sabe mais do que aquilo que o poeta, de um modo evasivo, classificou de *carmen et error* para justificar a decisão do *Princeps*. Terá o imperador querido livrar-se da presença de um poeta cujos versos contrastavam com o seu

programa restauracionista? Terá Augusto lido nas aventuras, na arbitrariedade e na crueldade dos deuses uma censura pessoal?

Apesar de ter ido além do que seria de esperar na bajulação a Augusto e a Tibério, mesmo tendo em conta o fausto que deixou e a miséria em que se encontrava, Ovídio não voltou a Roma, acabando os seus dias entre os anos 17 e 18 da nossa era.

## A OBRA

Contemporâneo de Virgílio e Horácio, autores por excelência do classicismo da época de Augusto, Ovídio deve ser catalogado numa terceira fase, depois de Tibulo e Propércio, de quem foi amigo.

Cansada das lutas fratricidas do final da República, a sociedade a que Augusto deu a paz em troca das antigas liberdades, que haviam desembocado na anarquia, viu surgir, quase em simultâneo, três gerações de escritores:

— Virgílio, Horácio e Tito Lívio, protótipos do Classicismo e, de algum modo, ligados ao poder;

— os elegíacos mais representativos, Tibulo e Propércio, cuja poesia, apesar do traço da autenticidade, se afasta dos padrões clássicos;

— Ovídio, que reconhecia que *quod temptabam dicere uersus erat*, mas cujo ambiente social lhe reduziu a profundidade poética.

Ovídio inicia a sua atividade poética quando aqueles têm já nome feito. A sua produção reparte-se por três períodos:

— juventude, período da poesia de amor, poesia erótica e de conteúdo subjetivo — *Heroides*, *Amores*, *Medicamina Faciei*, *Ars Amatoria*, *Remedia Amoris*;

— maturidade, poemas didáticos — *Metamorfoses*, *Fasti*;

— exílio — *Tristia*, *Epistulae ex Ponto*.

## AS METAMORFOSES

As *Metamorfoses* são um longo poema cosmogónico de quase doze mil versos, dividido em quinze livros, escrito em hexâmetro datílico e em que são expostos mais de duzentos e cinquenta mitos. Poema do

devir, parte do Caos primitivo, da sua transformação em Natureza, e encaminha-se, por sucessivas transformações, para a chegada de Eneias a Itália, percorre a história de Roma até a divinização de César e a apoteose de Augusto.

É tênue o vínculo que liga a sucessão dos vários mitos; é sutil, mas é eficaz. Assenta na semelhança do tema, como no caso da impiedade punida de Aracne, de Níobe, dos camponeses da Lícia e de Mársias (Livro VI); na ordem genealógica, de Baco a Perseu (Livros IV e V) e de Cadmo a Acteão (Livro III); na associação de ideias, na analogia das metamorfoses, no herói, no país. Há mitos que se encaixam na narração de outros mitos, como no caso da narração da luta das Musas com as Piérides (Livro V); recorre outras vezes à descrição de quadros, como na disputa de Aracne e Palas, onde a descrição das tapeçarias serve para expor outros mitos (Livro VI); recorre à preterição, como se verifica na sequência da história de Píramo e Tisbe, onde variados mitos apenas são referidos (Livro IV).

Nesta sucessão de mitos, Ovídio sabe encadear com mestria cenas que, fugindo quase sempre à monotonia, prendem o leitor pela variedade e pela beleza.

Nem a matéria nem o gênero eram novos. Alexandrinos, primeiro, e romanos, na esteira destes, haviam-nos cultivado antes. Ovídio acrescenta-lhes uma nova técnica. À unidade temática da obra de arte, exigida pela poesia clássica, opõe Ovídio mudanças bruscas e a alteração frequente do ângulo de visão, que tentam reproduzir o movimento da vida. Se, ao leitor de hoje, esta técnica quase cinematográfica surge como natural, não é preciso recuar muito no tempo para se perceber o mal-estar que isso provocava. Era esta, nos finais do século XIX, a posição de René Pichon (*Histoire de la littérature latine*, Paris, Hachette, 1898, p. 420):

Quer dizer que as *Metamorfoses* seriam então a obra-prima que Ovídio tinha sonhado? Longe disso. [...] Em primeiro lugar, não constituem um poema, mas sim uma reunião de partes justapostas. [...] Não há uma ideia central: para relacionar todas estas metamorfoses a um princípio comum, teria sido preciso recuperar o antigo espírito das cosmogonias primitivas, a crença misteriosa no parentesco de todos os seres [...]. O liame cronológico, que poderia estabelecer ao menos uma unidade aparente, não existe.

O enquadramento filosófico em que a ação das *Metamorfoses* se desenvolve, uma linha de progressão do Caos à divinização de César, passando pela formação do homem, define a unidade da obra.

A arte da narrativa, a riqueza do estilo e da linguagem, a elegância e a harmonia do verso completam o quadro que faz de *Metamorfoses* um monumento admirado há dois mil anos.

#### OVÍDIO E A HISTÓRIA

*Iamque opus exegi, quod nec Iovis ira nec ignis  
nec poterit ferrum nec edax abolere vetustas.  
cum uolet, illa dies, quae nil nisi corporis huius  
ius habet, incerti spatium mihi finiat aevi:  
parte tamen meliore mei super alta perennis  
astra ferar, nomenque erit indelebile nostrum;  
quaque patet domitis Romana potentia terris,  
ore legar populi, perque omnia saecula fama,  
(si quid habent ueri uatum praesagia) uiuam.*

Concluí uma obra que nem a cólera de Júpiter, nem o fogo,  
nem o ferro, nem a voracidade do tempo poderão destruir.  
Que aquele dia, que só a meu corpo tem direito,  
ponha fim quando quiser ao incerto decurso da minha vida.  
Eu, na parte mais nobre de mim, subirei, imorredouro,  
acima das altas estrelas, e o meu nome jamais morrerá.  
E, por onde o poder de Roma se estende sobre a terra dominada,  
andarei na boca do povo. E, se algo de verdade existe nos presságios  
dos poetas, graças a essa fama, hei de viver pelos séculos.

(*Metamorfoses*, XV, 871-9).

Repetindo os *topoi* da última Ode do Livro III de Horácio: “*Exegi monumentum aere perennius*”, Ovídio afirma a perenidade do seu nome — “*uiuam*”! O vate foi realmente profeta. Não houve época da história em que não estivesse presente.

Dante, qual Jano que olha o passado e o porvir, faz de Ovídio elemento da escola dos seis poetas a quem reconhece uma autoridade intemporal:

*Intanto voce fu per me uditā:*  
“Onorate l’altissimo poeta;  
[...]  
Lo buon maestro cominciò a dire:  
“Mira colui con quella spada in mano,  
che vien dinanzi ai tre sí come sire:  
quelli è Omero poeta sovrano;  
l’altro è Orazio satiro che vene;  
Ovidio e ‘l terzo, e l’ultimo Lucano.

(A Divina Comédia, Inferno, IV, 79-80, 85-90)<sup>2</sup>

De acordo com E. R. Curtius, Ovídio faz parte de todas as listas de autores lidos nas várias Escolas Medievais. Nas *Metamorfoses*, os medievais encontravam uma cosmogonia e uma cosmologia que sintonizavam com o platonismo reinante. As *Metamorfoses* eram o dicionário de mitologia indispensável para entender os poetas latinos. Não admira, pois, que a Idade Média tenha moralizado, ou seja, cristianizado Ovídio.

Avassaladora é a sua presença, sobretudo o Ovídio das *Metamorfoses*, no domínio das artes. Olhando o porvir, a partir de Dante, longa seria a lista com o nome de escritores de primeiro plano, de Petrarca a Ezra Pound, e outros mais atuais cujo levantamento está por fazer.

Poucas serão as cenas da mitologia das *Metamorfoses* que não foram traduzidas em pintura ou em escultura, como poucos serão os grandes museus do mundo onde não se sinta a presença de Ovídio. O desenho das Estações do Ano, na estação do Metropolitano do Saldanha, em Lisboa, conscientemente ou não, é a reprodução dos versos 27-30 do Livro II das *Metamorfoses*:

*Purpurea uelatus ueste sedebat  
in solio Phoebus claris lucente smaragdis.*

---

<sup>2</sup> “Logo um chamado foi por mim ouvido:/ ‘Honrai o nosso poeta eminente!’ [...]/ Logo ouvi do guia a chamada:/ ‘Olha o que vem à frente qual decano/ dos outros três, segurando uma espada;/ ele é Homero, poeta soberano;/ o satírico Horácio junto vem,/ terceiro é Ovídio e último Lucano.’” (tradução de Italo Eugenio Mauro, São Paulo, Editora 34, 1998). (N. da E.)

*A dextra laeuaque Dies et Mensis et Annus  
Saeculaque et positae spatiis aequalibus Horae;  
Verque nouum stabat cinctum florente corona,  
stabat nuda Aestas et spiceaserta gerebat,  
stabat et Autumnus calcatis sordidus uuis,  
et glacialis Hiems canos hisuta capillos.*

Revestido de purpúrea veste,  
Febo estava sentado num trono com o brilho de puras esmeraldas.  
À direita e à esquerda, de pé, estavam o Dia, o Mês, o Ano,  
os Séculos e, colocadas a intervalos iguais, as Horas,  
e a nova Primavera cingida com uma coroa de flores.  
O Verão estava nu e ostentava uma grinalda de espigas.  
Estava o Outono manchado de pisar as uvas,  
e o gélido Inverno de brancos cabelos desgrenhados.

Menos avassaladora que nas outras artes é, na música, a presença das *Metamorfoses*. Não deixa, contudo, de ser significativa.

Muitas são as razões de interesse para dar ao público de língua portuguesa este monumento a que dois mil anos de história acrescentaram valor. Mas foi o desafio de uma pessoa ligada ao estudo da História da Arte que desencadeou o processo que aqui conduziu.

Sobre a tradução, vale a pena dizer que tentou respeitar os dois critérios que definem a lei de ouro desta atividade, ser fiel e vernácula. Na incerteza de o haver conseguido, ao leitor caberá o juízo. Ela aí fica, exposta à crítica de quem vier por bem.

Depois destas palavras, o rio calou-se. Este fato espantoso a todos tocara. O filho de Ixíon<sup>22</sup> escarnece da credulidade de todos e, na sua soberba, visto que desprezava os deuses, adianta: “São histórias, Aqueloo, aquilo que contas, e julgas que os deuses são demasiado poderosos se dão e retiram as formas dos corpos.” Todos ficaram estupefatos e não aprovaram aquelas palavras. E antes de todos, Lélege, prudente pelo espírito e pela idade, diz o seguinte: “É imenso e não tem limite o poder do céu! O que os deuses desejam, isso acontece. E, para teres menos dúvidas, nas colinas da Frígia, contíguo a uma tília, há um carvalho rodeado por um muro baixo. Eu mesmo vi o lugar, pois Piteu mandou-me aos campos de Pélops, governados antes por seu pai. Não longe dali há um lago, terra habitável outrora, hoje, terra conhecida de mergulhões e gaivotas lacustres. Debaixo de aparência humana, chegou ali Júpiter. O neto de Atlas, o deus do caduceu, havendo deposto as asas, chega na companhia do pai. Buscando um lugar para repousar, bateram a mil portas. Mil trancas fecharam mil portas. Apenas uma os recebe. Pequena, é verdade, e coberta de palha e do junco das ribeiras. Mas nela, piedosa anciã, Báucis, e Filêmon, de idade igual, vivem unidos desde a juventude. Nela envelheceram e, proclamando sua pobreza e aceitando-a de bom grado, tornaram-na leve. E de nada serve procurar ali senhor ou escravo. Toda a casa são eles dois. Cumprem as ordens que dão. Quando, pois, os habitantes do céu chegaram àquele modesto lugar e, inclinando-se, transpuseram a humilde porta, o ancião oferece-lhes um banco que, pressurosa, Báucis cobre com manta grosseira e convida-os a descansar.

---

<sup>22</sup> Piríto, condenado ao suplício eterno nos Infernos.

inque foco tepidum cinerem dimouit et ignes  
 suscitāt hesternos foliisque et cortice sicco  
 nutrit et ad flammās animā producit anili,  
 multifidasque faces ramaliaque arida tecto  
 detulit et minuit paruoque admouit aeno, 645  
 quodque suus coniunx riguo collegerat horto  
 truncat holus foliis; furca leuat ille bicorni  
 sordida terga suis nigro pendentia tigno  
 seruatoque diu resecat de tergore partem  
 exiguam sectamque domat feruentibus undis. 650  
 interea medias fallunt sermonibus horas  
 sentirique moram prohibent. erat alueus illic  
 fagineus, dura clauo suspensus ab ansa;  
 is tepidis impletur aquis artusque fouendos 654  
 accipit. in medio torus est de mollibus uluis 655a  
 impositus lecto sponda pedibusque salignis; 656a  
 [concutiuntque torum de molli fluminis ulua 655  
 impositum lecto sponda pedibusque salignis;] 656  
 uestibus hunc uelant quas non nisi tempore festo  
 sternere consuerant, sed et haec uilisque uetusque  
 uestis erat, lecto non indignanda saligno. 659  
 accubuere dei. mensam succincta tremensque 660  
 ponit anus, mensae sed erat pes tertius impar;  
 testa parem fecit; quae postquam subdita cliuum  
 sustulit, aequatam mentae tersere uirentes.  
 ponitur hic bicolor sincerāe baca Mineruae  
 conditaque in liquida corna autumnalia faece 665  
 intibaque et radix et lactis massa coacti  
 ouaque non acri leuiter uersata fauilla,  
 omnia fictilibus; post haec caelatus eodem  
 sistitur argento crater fabricataque fago  
 pocula, qua caua sunt, flauentibus inlita ceris. 670  
 parua mora est, epulasque foci misere calentes;  
 nec longae rursus referuntur uina senectae  
 dantque locum mensis paulum seducta secundis:

Depois, Báucis tira a cinza ainda morna, espevita o fogo da véspera, que alimenta com folhas e cascas secas e, com seu sopro de velha, atea a chama.  
Da moreia de lenha, tira cavacos rachados e ramagem seca, que parte e põe à volta do pote de bronze.  
Corta as folhas de uma couve que o marido tinha trazido da horta. Com um garfo de dois dentes, Filêmon tira do negro tirante, de onde pendia, a peça fumada de um porco e dela, há tanto tempo guardada, corta pequena porção, que coze em água a ferver.  
Entretanto, conversando, enganam as horas de espera, na esperança de que a demora não se faça sentir.  
Havia lá uma celha, pendurada de um prego por tosca asa. É cheia de água morna e mergulham nela os pés para os aliviarem.  
No meio da casa, sobre um leito com estrutura e pés de salgueiro, está um colchão de ulva fofa. Sacodem o colchão de fofa ulva do rio posto sobre o leito com estrutura e pés de salgueiro.  
Lançam nele uma coberta que só em dias de festa se costumava estender. Mas esta era também velha e simples e não envergonhava o salgueiro do leito.  
Sobre o leito recostam-se os deuses. Cingida e tremendo, a anciã traz a mesa. Mas a mesa tinha mais curta uma das pernas. Nivelou-as com um caco. Suprimida com o calço a inclinação, assim nivelada, a mesa foi limpa com um ramo verde de hortelã.  
Sobre ela põe as bagas pretas e verdes da casta Minerva, pilritos-de-outono conservados em calda líquida, endivas, rábanos, requeijão e ovos revolvidos com presteza em cinza morna.  
Tudo em pratos de barro. Põe depois uma cratera, na mesma prata cinzelada, e copos feitos de faia, interiormente revestidos com cera dourada.  
Após curta espera, da lareira vêm as iguarias quentes. Em seguida é trazido um vinho de não longa idade que, logo retirado, deixa o espaço livre para a sobremesa.

hic nux, hic mixta est rugosis carica palmis  
 prunaque et in patulis redolentia mala canistris 675  
 et de purpureis collectae uitibus uuae;  
 candidus in medio fauus est. super omnia uultus  
 accessere boni nec iners pauperque uoluntas.  
 ‘Interea totiens haustum cratera repleti  
 sponte sua per seque uident succrescere uina; 680  
 attoniti nouitate pauent manibusque supinis  
 concipiunt Baucisque preces timidusque Philemon  
 et ueniam dapibus nullisque paratibus orant.  
 unicus anser erat, minimae custodia uillae,  
 quem dis hospitibus domini mactare parabant; 685  
 ille celer penna tardos aetate fatigat  
 eluditque diu tandemque est uisus ad ipsos  
 confugisse deos: superi uetere necari  
 “di” que “sumus, meritasque luet uicinia poenas  
 impia” dixerunt; “uobis immunibus huius 690  
 esse mali dabitur. modo uestra relinquitte tecta  
 ac nostros comitate gradus et in ardua montis  
 ite simul.” parent ambo baculisque leuati 693  
 [ite simul.” parent et dis praeentibus ambo 693a  
 membra leuant baculis tardique senilibus annis] 693b  
 nituntur longo uestigia ponere cliuo. 694  
 tantum aberant summo quantum semel ire sagitta 695  
 missa potest; flexere oculos et mersa palude  
 cetera prospiciunt, tantum sua tecta manere.  
 dumque ea mirantur, dum deflent fata suorum,  
 illa uetus dominis etiam casa parua duobus  
 uertitur in templum; furcas subiere columnae, 700  
 stramina flauescunt aurataque tecta uidentur  
 caelataeque fores adopertaque marmore tellus.  
 talia tum placido Saturnius edidit ore:  
 “dicite, iuste senex et femina coniuge iusto  
 digna, quid optetis.” cum Baucide pauca locutus 705  
 iudicium superis aperit commune Philemon:

Aparece a noz, aparece o figo de mistura com a enrugada tâmara e, em cestos largos, aparece a ameixa, a perfumada maçã e uvas colhidas na purpúrea vide. No meio, está um branco favo de mel. Acima de tudo, há rostos afáveis e um acolhimento não pobre nem indiferente.

Veem, entretanto, que a cratera, sempre que vazia, se enche sozinha, e que o vinho sobe espontaneamente. De mãos levantadas, Báucis e Filêmon, aterrorizados, rezam e pedem perdão pela mesa simples. Tinham apenas um ganso, guardião de sua humilde morada. Preparam-se para o sacrificar aos divinos hóspedes. Ele, veloz graças às asas, estafa-os a eles, que são lentos em razão da idade, e troca-lhes as voltas. Por fim, veem que se refugia junto dos próprios deuses. Impedindo que ele fosse morto, os deuses disseram: ‘Somos deuses. A vossa vizinhança será castigada merecidamente por sua infidelidade. A vós, ser-vos-á concedido fugir a este castigo. Saí já de casa, segui nossos passos e juntos subamos ao cimo do monte.’ Ambos obedecem e, presos aos cajados, esforçam-se por avançar na longa subida. Estavam tão longe do cimo como o espaço que uma seta pode percorrer ao ser disparada. Olharam para trás e viram que tudo estava submerso num pântano, que só a sua casa se mantinha. Enquanto olham admirados, enquanto choram a sorte dos seus vizinhos, aquela velha casa, pequena até para seus dois donos, muda-se num templo. Os esteios viram colunas, o colmo vai-se tornando amarelo, o teto parece de ouro, cinzeladas as portas, e o chão coberto a mármore. Em tom amigável, diz, então, o filho de Saturno: ‘Velho justo, e tu, mulher, esposa digna de um justo, dissei-me o que desejas.’ Depois de dialogar com Báucis, Filêmon transmite aos deuses a decisão que tomaram:

“esse sacerdotes delubraque uestra tueri  
poscimus, et quoniam concordēs egimus annos,  
auferat hora duos eadem, nec coniugis umquam  
busta meae uideam neu sim tumulandus ab illa.” 710  
uota fides sequitur; templi tutela fuere,  
donec uita data est. annis aeuoque soluti  
ante gradus sacros cum starent forte locique  
narrarent casus, frondere Philemona Baucis,  
Baucida conspexit senior frondere Philemon. 715  
iamque super geminos crescente cacumine uultus  
mutua, dum licuit, reddebant dicta “uale” que  
“o coniunx” dixere simul, simul abdita textit  
ora frutex. ostendit adhuc Thyneius illic  
incola de gemino uicinos corpore truncos. 720  
haec mihi non uani (neque erat cur fallere uellent)  
narrauere senes; equidem pendentia uidi  
serta super ramos ponensque recentia dixi:  
“cura deum di sint, et qui coluere coluntur.”

Desierat, cunctosque et res et mouerat auctor, 725  
Thesea praecipue; quem facta audire uolentem  
mira deum innixus cubito Calydonius amnis  
talibus adloquitur: ‘sunt, o fortissime, quorum  
forma semel mota est et in hoc renouamine mansit;  
sunt quibus in plures ius est transire figuras, 730  
ut tibi, complexi terram maris incola, Proteu.  
nam modo te iuuenem, modo te uidere leonem;  
nunc uiolentus aper, nunc quem tetigisse timerent,  
anguis eras; modo te faciebant cornua taurum;  
saepe lapis poteras, arbor quoque saepe uideri, 735  
interdum faciem liquidarum imitatus aquarum  
flumen eras, interdum undis contrarius ignis.

‘Ser sacerdotes e guardiães do vosso templo, é o que pedimos.  
E, uma vez que vivemos a vida harmoniosamente,  
que a mesma hora nos leve a ambos e que eu nunca veja  
a tumba da minha mulher, nem ela me enterre a mim.’  
Aos votos seguem-se os fatos. Foram os guardiães do templo,  
enquanto a vida lhes foi concedida. Gastos pelos anos e pela longa vida,  
encontravam-se um dia em frente aos degraus do templo e relatavam  
a história do lugar, quando Báucis vê Filêmon cobrir-se de folhas,  
e o velho Filêmon vê as folhas a cobrirem Báucis.  
Já sobre a face de ambos se alargava a copa; enquanto podiam,  
iam conversando. Disseram um ao outro simultaneamente:  
‘Adeus, meu amor!’ E logo a casca lhes cobre e lhes esconde a face.  
Ainda hoje o habitante da Bitínia mostra ali dois troncos vizinhos,  
nascido cada um de seu corpo. Foi-me isto contado por anciãos  
merecedores de fé (e não havia razão para quererem enganar-me).  
Eu de fato vi, pendentes dos ramos, grinaldas de flores  
e, pondo eu outras frescas, sussurrei: ‘são deuses, por amor dos deuses,  
e objeto de culto, eles que o culto prestavam.’”

[Erisícton]

Acabara de falar. A todos, mas principalmente a Teseu,  
tocaram matéria e autor. Desejando ele ouvir  
os feitos admiráveis dos deuses, apoiado no cotovelo,  
diz-lhe o rio Cálidon: “Há corpos, ó mais valente dos heróis,  
cuja forma, uma vez mudada, se mantêm no seu novo estado;  
há outros que têm o privilégio de se mudar em figuras várias,  
como tu, Proteu, habitante do mar que circunda a terra.  
Ora te veem como rapaz, logo te veem como leão;  
és hoje javali violento; amanhã, serpente  
em que se teme tocar. Faziam-te os cornos touro;  
podias, às vezes, figurar a pedra; outras, parecias árvore;  
imitando a límpida face das águas, podias parecer um rio;  
entretanto eras fogo, às águas contrário.